

# Notas de Programa

*Marcelo Batuíra Losso Pedroso\**

## César Franck: Variações sinfônicas para piano e Sinfonia em ré menor

César Franck (1822-1890), cujo bicentenário se comemora esse ano, no dia 10 de dezembro, nasceu na cidade belga de Liège, filho de mãe alemã e um escriturário desempregado, que desde cedo manifestou talento para a música. Seu pai logo viu a possibilidade de explorar lucrativamente a criança prodígio.

Aos 8 anos ingressou no Conservatório de Liège, logo arrebatando os primeiros prêmios de piano e solfejo. Aos 13 anos, o pai organiza vários concertos para o filho prodígio e logo se muda para Paris, onde as perspectivas de carreira eram mais promissoras. Em 1837 César Franck ingressa no Conservatório de Paris. O talento do menino prodígio se faz logo evidente: ele recebe os primeiros prêmios em piano, contraponto e órgão.

Contudo, suas modestas aspirações estavam longe dos palcos, tal como desejava o pai. O jovem músico rompe relações com seus pais para viver uma pacata vida como professor e organista de igreja. Em 1859, assume a posição de organista da nova Igreja de Sainte-Clotilde, função essa que ocupará até o fim de sua vida. César Franck teve uma trajetória como músico e compositor para lá de comum.

Mas não se enganem: Franck está longe de ser um compositor menor. Só depois de sua morte, em 1890, o valor de sua obra começa a ser reavaliada, de tal modo que hoje seu nome figura entre os maiores compositores do século XIX. Apenas no final de sua vida ele retoma a composição para piano e, em 1885, com rara maestria, compõe um poema sinfônico para piano baseado no texto homônimo de Victor Hugo: *Les Djinns*. O compositor belga ficou tão impressionado com o pianista Louis Diémer, que executou este poema sinfônico em sua estreia que lhe prometeu recompensá-lo com: *“un petit quelque chose”* (“um algo pequeno qualquer”). Tratou logo de iniciar a composição dessa obra, no verão daquele mesmo ano, terminando-a em 12 de dezembro e a qual chamou de “Variações Sinfônicas”.

A estreia passou quase despercebida, em maio de 1886, no célebre concerto anual da *Société Nationale de Musique*, porém, após sua morte, a obra começou a ganhar mais e mais respeito e uma legião de admiradores.

Suas Variações Sinfônicas são, em verdade, um concerto para piano em miniatura, uma obra prima de inventividade e destreza composicional. Não é uma obra para qualquer pianista, o grau de dificuldade pode ser atribuído tanto à familiaridade de Franck com o instrumento, quanto ao fato de suas mãos serem gigantes: ele conseguia abarcar 12 teclas brancas do piano em um só golpe!

Na sua estrutura, o compositor faz uso da “unidade cíclica”, ou seja, quando um só tema evolui em vários outros. A peça é composta em três partes, porém sem qualquer interrupção: (i) introdução e tema, (ii) variações e (iii) finale, lembrando muito um concerto em três movimentos: rápido-lento-rápido.

A introdução nos remete ao tema do movimento lento do 4o concerto para piano de Beethoven (o Op. 58). Os dois temas, oriundos de uma dança folclórica belga chamada *cramignon*, são logo introduzidos, um ascendente (em lá maior) e outro descendente (em dó menor) pelo piano, após a seção de transição (com orquestra e piano) o ouvinte é levado às magníficas variações. Até agora nenhum musicólogo chegou a um consenso sobre a quantidade de variações: para uns são 6, mas podem chegar até 15, dependendo da contagem!

Apesar de morar e compor na França, esteticamente César Franck sempre esteve mais alinhado com a música germânica, grande admirador de Beethoven e amigo de longa data de Franz Liszt, sua música sofreu a incompreensão e o preconceito de seus pares franceses. Para Charles Gounod, César Franck mostrava sua “incompetência devido à sua visão dogmática”. Assim, toda a obra musical desse grande compositor se viu obnubilada pelo preconceito francês e pela estreita visão de seus conterrâneos.

Levou tempo, mas o legado de Franck não só sobreviveu à sua morte como cresceu ano a ano, conquistando a crítica e o público para além do território francês. Talvez o melhor exemplo disso seja sua única e belíssima Sinfonia em ré menor. Poucas ou nenhuma sinfonia de grande qualidade teve origem na França do século XIX, à exceção da *Symphonie Fantastique* (a Op. 14), de Berlioz (de 1830) e da *Orgel-Symphonie*, de Saint-Saëns (a de n. 3, Op. 78), de 1886. Curiosamente, coube à sua

única sinfonia, composta em 1889, ganhar reconhecimento póstumo como a melhor sinfonia francesa do século XIX.

Muito embora César Franck fosse considerado um dos maiores organistas de seu tempo, somente comparado à J. S. Bach (e isso pela respeitável opinião de Franz Liszt), suas composições só começaram a ganhar corpo, expressão e beleza nos últimos doze anos de sua vida. Dentre suas composições de maturidade se encontra a Sinfonia em ré menor, uma obra prima romântica, rica de uma emoção profunda, estupendas harmonias cromáticas e uma estrutura de forma extremamente inteligente. O crítico Ropartz chamou os dois temas de seu primeiro movimento de “esperança” e “fé”; e o segundo movimento de “um grande Credo sendo declamado”.

Franck morreu subitamente dentro de uma carruagem indo para sua residência. Nenhum de seus colegas de Conservatório foram a seu funeral. Nenhuma homenagem lhe foi prestada. Três anos depois de sua morte, o maestro Charles Lamoureux e sua famosa orquestra (que está ativa até hoje) decidiram levar a público a Sinfonia de Franck. Foi arrebatador, sucesso de crítica e público, algo que César Franck jamais conheceu em vida.

O grupo de três notas (não resolvidas) que abre a Sinfonia em ré menor é o seu tema, extraído, em clara homenagem, do *finale* do último quarteto de cordas de Ludwig van Beethoven (o n. 16, Op. 135), em cuja partitura anotou a enigmática pergunta: “Muss es sein?” (“Deve ser isso?”) acima das três notas. Esse mesmo tema foi usado por Franz Liszt, em seu poema sinfônico *Les Préludes* e por Richard Wagner, como *leit-motiv* do questionamento do destino no ciclo do Anel dos Nibelungos.

No segundo movimento, tanto inesperado quanto não usual, harpa e cordas em pizzicato se unem para acompanhar um hino antigo entonado pelo corne inglês. O uso do corne inglês, muito embora hoje se reconheça genial, foi um dos pilares da crítica francesa da época na estreia da sinfonia. O último movimento é, em si mesmo, uma celebração genuína, repleto de energia e contagiante alegria. O tema-motivo das três notas do primeiro movimento é lembrado para nos introduzir a uma belíssima melodia, entoada pelo fagote, daquelas que chamamos de “verme-musical”: não sai da cabeça do ouvinte mesmo horas depois...